

RUBEM FILHO

PRETINHA DE NEVEE OS SETE GIGANTES

REVISÃO
ANNA ORTOGRAFIA




Paulinas

RUBEM FILHO

PRETINHA
DE NEVE E
OS SETE
GIGANTES

Grande Casa



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Filho, Rubem

Pretinha de neve e os sete gigantes / Rubem Filho ; [ilustrações do autor]. – São Paulo : Paulinas, 2009. – (Coleção árvore falante)

ISBN 978-85-356-2520-2

1. Literatura infantojuvenil I. Título. II. Série.

09-12614

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

- | | |
|------------------------------|-------|
| 1. Literatura infantil | 028.5 |
| 2. Literatura infantojuvenil | 028.5 |

2ª edição – 2010

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editora responsável: *Maria Alexandre de Oliveira*

Assistente de edição: *Rosane Aparecida da Silva*

Copidesque: *Ana Cecília Mari*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Sandra Sinzato*

Direção de arte: *Irma Cipriani*

Gerente de produção: *Felício Calegari Neto*

Produção de arte: *Telma Custódio e*

Manuel Rebelato Miramontes

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.org.br>

editora@paulinas.com.br

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2009

PARA TOMÁS E DANIELA

**AGRADECIMENTOS
ESPECIAIS:**

ALENCAR MAYRINK

ANA RAQUEL

BRANCA MARIA DE PAULA

CRISTINA AGOSTINHO

MARIA MAZZARELLO RODRIGUES

E TODA A MINHA FAMÍLIA





ocês sabiam que na África também cai neve? Isso acontece no Monte Kilimanjaro, que fica no coração do continente. Ele é muito, muito alto, e lá em cima sempre faz frio.



esse lugar vivia um rei e sua família. Esse rei era convencido e mandão, e tinha uma voz de trovão. Ele havia se casado com uma mulher muito boazinha, mas que não era de muita conversa e vivia ocupada com as tarefas domésticas. O primeiro marido dela morreu, deixando-lhe com um bebê, uma menina. O rei resolveu se casar com ela porque, além de ser uma boa dona de casa, tinha mãos de fada para fazer doces. E o rei, além de convencido e mandão, também comia um doce atrás do outro, o que o fez ficar um tanto quanto barrigudo.

O rei não gostava muito de sua enteada, que tinha crescido e era uma menininha muito espoleta, chamada Pretinha. Ela tinha mania de fazer uma pergunta atrás da outra, e ele não tinha a menor paciência para responder. Mas ela sempre insistia:

– Padrasto, por que só aqui em cima tem neve e lá embaixo não? Aqui faz tanto frio!

E o rei respondia, com voz de trovão:

– Não sei, vá perguntar à sua mãe.

– Ah, padrasto, ela está sempre ocupada fazendo doces para o senhor.

– Pois ela faz o que precisa fazer. Não passo sem os meus doces.

Todas as vezes que Pretinha queria conversar e brincar com a sua mãe, ela dizia:

– Agora não, Pretinha. Estou com um tacho de doce no fogo e tenho um monte de louça para lavar.





Por todas essas coisas, Pretinha não era uma menina feliz. Não tinha com quem brincar, nunca havia saído de casa e se sentia sozinha. Além do mais, fazia um frio daqueles no castelo...

Por isso, Pretinha passava muito tempo brincando na cozinha, que era um lugar quentinho. Além do mais, gostava de ver o seu reflexo no tacho de cobre que sua mãe usava para fazer os doces. E, como não tinha com quem conversar, pôs-se a falar com o tacho.

– Tacho de cobre, tacho de cobre, existe alguma menina mais solitária do que eu? Minha mãe está sempre ocupada e nunca me dá atenção. E o meu padrasto é muito chato.

E não é que o tacho de cobre respondeu? Ela levou um susto quando ouviu uma voz vindo de dentro do tacho:

– Não fique triste, não, Pretinha. É assim mesmo, os adultos têm cada vez menos tempo para as crianças.

– Ué, eu não sabia que tacho de cobre falava.

– Espelho não fala também!? Isto é um conto de fadas, ora.

– Ah, é.

– Então.

– Tacho de cobre, eu queria ver como é o mundo lá embaixo. Aqui em cima é gelado e não tenho com quem brincar.

– Ih, Pretinha, acho que isso vai dar problema. Seus pais não vão querer te levar.

– Mas vou assim mesmo! Resolvi.

E resolveu mesmo. Juntou alguns doces na mochila, para o caso de sentir fome no caminho, colocou um capuz vermelho (emprestado de outra história) e foi conferir a situação. A mãe estava dormindo. O padrasto também. Então, pé ante pé, ela saiu do castelo e começou a descer o monte, curiosíssima para saber o que havia fora do castelo. Andou, andou, andou e viu muitas coisas diferentes: árvores enormes, bichos diferentes, rios, flores, pássaros. Estava encantada com o que via. E como fazia calor! Isso a deixou contente, mas teve que tirar o capuz vermelho. Mas também na África nem existe lobo. Só que ela não sabia disso.

Depois de muito andar, Pretinha sentiu fome. Então, sentou-se ao pé de uma árvore para comer os doces que tinha pegado na cozinha. Ao abrir a mochila, reparou que, por causa do calor, os doces haviam derretido, fazendo uma lambança na sua mochila! E a fome resolveu apertar. Foi quando ela sentiu um cheiro gostoso de coisa de comer. Ao seguir o cheirinho, viu-se diante de uma cabana enorme! Era tão grande que nem dava para alcançar a janela e ver o que tinha lá dentro. A menina então empurrou a porta e percebeu que a cabana estava vazia. Foi entrando, devagarinho, impressionada com o tamanho das coisas: as camas, a mesa, as cadeiras, e tudo com sete lugares. Ela se sentiu como a menina daquela outra história, que tomou um líquido misterioso de uma garrafinha e encolheu.





Andou pelo casarão até chegar à cozinha, onde havia um panelão que continha um mingau muito cheiroso de carne com amendoim e batatas. Serviu-se num prato que parecia uma bacia, de tão grande, e comeu até ficar satisfeita. Então sentiu sono, e resolveu tirar uma soneca. Subiu numa das camas, deitou-se sobre um travesseiro que era quase do tamanho de um colchão e dormiu. Quando já era quase de noite, Pretinha acordou com um barulhão vindo de fora. Era um coro de vozes, que cantava enquanto batia os pés no chão:

– Eu vou, eu vou... Comer mingau, agora, eu vou! Parará-tim-bum, parará-tim-bum... Que fome! Que fome!

E entraram pela casa sete sujeitos gigantescos, com enormes mãos, pés, nariz, orelhas, e tudo o mais. Mal deu tempo de Pretinha descer da cama e se esconder debaixo dela. De lá, via aqueles pés tão grandes e ouvia os vozeirões:

– Ei, alguém comeu do nosso mingau. Tem um prato aqui sem lavar!

– E a minha cama também está desarrumada!

– Alguém andou por aqui e fez bagunça!

– Isto está parecendo outra história...

– Seja quem for, é muito mal-educado. Comeu o mingau e nem lavou a louça!

Ao ouvir aquilo, Pretinha se sentiu incomodada. Apesar do medo que sentia, saiu debaixo da cama e falou para os gigantes:

– Não sou mal-educada! Apenas estava andando por aí, com fome, senti esse cheiro gostoso e resolvi entrar e comer um pouquinho... Aí me deu sono e eu quis dormir. Não lavei a louça porque não alcanço a torneira. Se houvesse alguém aqui, eu teria pedido licença, viram?

Os gigantes ficaram pra lá de surpresos.

– Mas o que é essa coisinha?

– Como é pequetita!

– Parece uma menina de brinquedo.

– De onde você veio, anãzinha? – perguntou o gigante mais velho. Pretinha, enfezada, respondeu:

– Não sou anãzinha! Vocês é que são gigantes! Eu vim do alto da montanha nevada, onde morava com a minha mãe e o meu padrasto, o rei. Fugi do castelo e descii a montanha para saber como é o mundo aqui embaixo. Nunca havia vindo pra cá antes, pois moro lá em cima desde que era pequenininha.

– Desde que era pequenininha! Hã! Mas você é pequenininha. E qual é o seu nome, criatura?

– Pretinha.

– Bom, Pretinha, nós somos sete irmãos e trabalhamos numa mina aqui perto. Nos chamamos Mestre, Dunga, Soneca, Atchim, Feliz, Zangado e Dengoso. Eu sou o Mestre.

– Engraçado, esses nomes não me são estranhos – disse Pretinha.

– Todo mundo diz isso. Nossos pais não foram muito criativos, sabe?

– Eu preferiria me chamar Epaminondas – falou o Dengoso.



Pretinha e os sete gigantes acabaram por se tornar amigos. Ela gostava de passear pela floresta montada ora no ombro de um, ora no de outro. Também se divertia muito brincando com eles de esconde-esconde e, claro, era sempre a última a ser encontrada. Logo se acostumou com a cabana, com o calor, com as árvores e os bichos, e tudo o mais que lá no alto da montanha não existia.

Já quase nem se lembrava mais de sua mãe, tão boa mas, também, tão distante, e de seu padrasto, o rei, sempre convencido e mandão.



Ó que, no castelo, sua mãe estava numa tristeza só por causa de seu sumiço. Até o rei sentia falta dela, por incrível que pareça. Enquanto fazia doces na cozinha, a mãe, suspirando de saudade, disse a seu reflexo no tacho de cobre:

– Tacho de cobre, tacho de cobre, existe uma mãe mais preocupada do que eu?

– Eu disse a ela que não era uma boa ideia descer a montanha – disse o tacho.

– O tacho de cobre falou!

– Sim, isto é um conto de fadas, etc.

– Ah, é – suspirou a mãe. – Mas me diga, tacho de cobre, Pretinha disse para onde ia?

– Disse não – falou o tacho. – Ela só me falou que queria saber como é o mundo lá embaixo, porque aqui não tinha com quem brincar, ninguém lhe dava atenção e faz muito frio.

– Minha Pretinha! Vou falar com o meu marido. Ele há de saber o que fazer para trazê-la de volta.





E foi falar com o rei. Ao saber que Pretinha havia descido a montanha, o rei exclamou:

– Isso é uma afronta! Então essa menina faz o que quer sem que eu, o rei, autorize. Mas ela vai voltar para casa. Ah, se vai! Eu mesmo vou buscá-la!

Então o rei se disfarçou de mendigo, vestindo roupas em farrapos e colocando um grande chapéu. Carregava consigo uma bolsa cheia de doces, para o caso de sentir fome no caminho. E, num dos doces, colocou um encantamento (lembrem-se, isto é um conto de fadas) para fazer Pretinha dormir e levá-la de volta, caso bancasse a teimosa.

Desceu a montanha. Na verdade, ele estava até achando bom passear um pouco. Há quanto tempo não deixava o seu castelo! Respirou o ar fresco, curtindo aquele calorzinho, que acabou por aquecer o seu coração. Percebeu que Pretinha só tinha fugido do castelo porque não se sentia feliz. Afinal, ele era convencido e mandão, a mãe dela estava sempre ocupada e o castelo era mesmo frio à beça. Prometeu a si mesmo que, quando a família estivesse reunida de novo, ele seria um rei diferente, mais atencioso e legal. Então, acabou por encontrar uma cabana enorme, de onde vinha um canto meio desafinado. Era Pretinha!

Bateu à porta, que Pretinha abriu com dificuldade, pois a porta era grande e ela, pequetita. Os gigantes haviam saído para trabalhar na mina. Quando ela viu o mendigo, perguntou com delicadeza:

– Pois não?

O mendigo ficou quieto. Pretinha perguntou de novo:

– Posso fazer alguma coisa pelo senhor?

O mendigo continuou em silêncio. Apenas abriu a bolsa para pegar o doce encantado e oferecer à menina. Só que, por causa do calor, o doce derreteu. E o mendigo falou com sua voz de trovão:

– Ih, derreteu!

E Pretinha disse:

– Conheço esta voz de trovão... É o senhor, padraсто?

– Ops!...

– O senhor veio me buscar?

– Vim, Pretinha. Estamos com saudade de você. Volte pra casa, por favor!

O rei estava com os olhos cheios d'água. Então Pretinha viu que estava sendo sincero e, de repente, sentiu carinho por ele e muita saudade de sua mãe. Gostava muito de seus amigos gigantes e de brincar com eles, mas amor de mãe é amor de mãe. E ela deveria estar numa tristeza só com sua ausência. Além do mais, passou a ver o rei com outros olhos. Era convencido e mandão, mas até que tinha bom coração.

Nesse momento, chegaram os sete gigantes da mina e viram o mendigo na porta da cabana, perto de Pretinha. O rei se encolheu todo, cercado por eles, e estava morrendo de medo. Aí o Zangado perguntou:



– Quem é esse anão, Pretinha? Ele está incomodando você?

– O que você está fazendo aqui, baixinho? – perguntou o Dunga.

– De onde você veio, nanico? – perguntou o Soneca.

– Está perdido, tampinha? – perguntou o Epaminondas, quer dizer, Dengoso.

– O que você quer, pouca sombra? – perguntou o Mestre.

– Ele está te incomodando, Pretinha? – perguntou o Feliz.

– Atchim! – espirrou o Atchim.

– Calma, gente, este é o meu padrasto – disse Pretinha. – Ele veio me buscar. Minha mãe está com saudade de mim e eu também estou com saudade dela, apesar de gostar muito de vocês. Só queria que as coisas fossem diferentes em minha casa, que meus pais fossem legais e brincassem comigo como vocês.

Os sete gigantes olharam para o rei todo encolhido e tiveram pena dele. Imaginaram a tristeza que deveria ser a vida naquele castelo distante e frio, e entenderam por que Pretinha tinha fugido de casa.



Então o Mestre disse:

– Pretinha, nós entendemos que a vida lá em cima não devia ser muito feliz. Mas eles são seus pais, né? Sentem a sua falta, e o seu lugar é com eles, afinal de contas. Quanto ao senhor, desculpe a falta de educação. Não sabíamos que era o rei. É que gostamos da Pretinha também e nos preocupamos com ela.

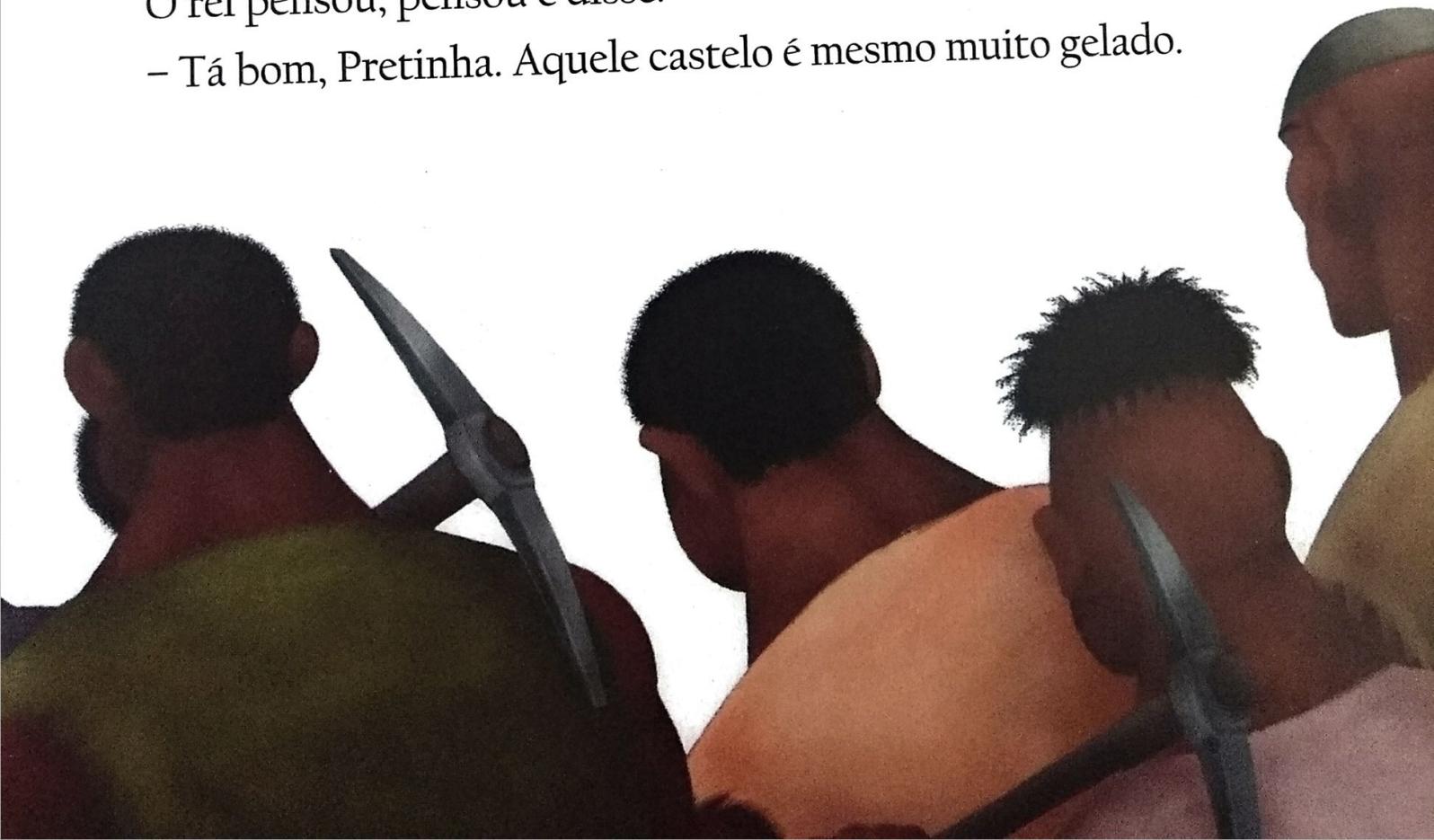
– Sem ressentimentos, seu gigante – fungou o rei.

– Tenho uma sugestão, pessoal – disse Soneca –, que pode dar um final feliz a esta história. A gente podia construir um novo castelo aqui embaixo para a família real. Eles viveriam em um lugar mais alegre e seriam nossos vizinhos. Que tal?

– Legal! – disse Pretinha. – O senhor topa, padraço? Por favor, por favor, por favor!

O rei pensou, pensou e disse:

– Tá bom, Pretinha. Aquele castelo é mesmo muito gelado.







Assim, para terminar a história, os gigantes construíram um bonito castelo para a família real, maior e mais aconchegante. Os novos ares ensolarados fizeram muito bem ao rei, que deixou de ser convencido e mandão (mas a voz continuou de trovão). Ele também decidiu parar de comer doces e fazer uma boa dieta. A mãe de Pretinha passou a ser mais atenciosa e a brincar e rir com a filha, o que a fez perceber tudo que estava perdendo. Pretinha, por sua vez, se tornou uma menina muito carinhosa com os pais, e viu quanto isso é importante. O tacho de cobre continuou a fazer um comentário ou outro de vez em quando, curtindo a vida boa de aposentado. Os sete gigantes se revelaram ótimos vizinhos e amigos, e todos os domingos se reuniam com a família real para almoçar mingau de carne com amendoim e batatas.

E acabou-se o que era doce.

